



Enquadradas numa paisagem de sonho, que tem merecido os mais encomiásticos elogios de muitas e notáveis personalidades, as instalações industriais da E. P. A. na Gafanha constituem um marco no desenvolvimento industrial e económico do Porto de Aveiro.

A imagem que publicamos, tirada já há cinco anos, dá-nos uma ideia do que afirmamos, embora nos mostre apenas uma pequena parte da laguna e umas instalações da E. P. A. que, de então para cá, se modificaram e alargaram grandemente.



E P A

FLÂMULA

ANO I N.º 4
— 1962 —

noticiário

instantâneos pessoais

Fizeram anos este mês: João Fidalgo, em 10-12; Maria Helena, em 13-12; João Carlos, em 13-12; Júlia Rocha, em 16-12; João Pinheiro, em 16-12 e Adriano Kobalo, em 30-12. Fazem anos até ao nosso próximo número: Alberto Amândio, em 11-1; Maria Manuela, em 16-1; Carlos Grangeon, em 17-1; Eng.º Maia e Moura, em 19-1; Armando Vieira, em 20-1; Laurentino Gaspar, em 21-1; Jorge Paula, em 2-2; Fernando Marques, em 11-2; França Morte, em 14-2; Osvaldo Mesquita, em 18-2; Olinda Rocha, em 16-3; Guilherme Barroso, em 19-3; Rio de Freitas, em 23-3 e Donzília Domingues, em 26-3.

No passado mês de Novembro, foi ferido em combate, em Angola, o nosso colega José Lino. O ferimento não teve, felizmente, a gravidade que a princípio se supunha, com o que muito nos regozijamos, enviando cá de longe um grande abraço, testemunho da nossa amizade. É de José Lino o artigo que hoje publicamos a páginas 30, intitulado «CARTA DE ANGOLA», o qual foi escrito já depois de completamente restabelecido e regressado ao mato.

novos colegas

Temos o prazer de registar a entrada dos seguintes novos colegas: Maria Parente Dias Pereira, para a Secção de Contabilidade; Maria Helena Ramalho Teixeira, para a Secção de Expediente; Rufino dos Santos Maia, para a Secção de Expediente; Carlos Manuel da Silva Castro, para a Secção de Expediente; João Duarte Fidalgo, para a Serviço de Ponto das nossas Oficinas.

Também o nosso colega Manuel Pereira Gamelas foi transferido do Serviço de Ponto das nossas Oficinas para a Secção de Expediente da Sede.

noticias da frota da E. P. A.

Já se encontra em Aveiro toda a frota bacalhoeira da E. P. A., regressados uns da segunda viagem e outros da primeira e única que fizeram nesta campanha.

Os dois atuneiros «Rio Vouga» e «Rio Águeda» estão em Angola a completar carregamento, estando o primeiro quase carregado. Aos oficiais e tripulantes destes dois barcos que, por estarem ainda em viagem, passam o Natal longe das famílias, apresentamos os nossos sinceros desejos de Boas Festas, dentro das possibilidades da sua situação, e votos de um Feliz Ano Novo.

flâmula

boletim do pessoal para o pessoal da
EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO

redacção
administração

director
editor
redactor principal

propriedade

composição e impressão

n.º 4

dezembro
1962

praça eng. José Frederico Ulrich
n.º 10 — Aveiro

Carlos Grangeon Ribeiro Lopes
Manuel da Silva Reis
Carlos Alberto da Silva Jerónimo

grupo recreativo do pessoal da
Empresa de Pesca de Aveiro

tipografia «a lusitânia» — Aveiro

sumário

- ★ 1.º aniversário
- ★ a brigada nocturna
José valente de oliveira e sousa
- ★ ilha terceira
João filipe dias leite
- ★ a gestão dos «stocks»
- ★ libertação
João carlos soares
- ★ cantinho da mulher
Maria José
- ★ miss universo em Aveiro... e nos escritórios da E. P. A.
- ★ noite de natal
Maria celeste
- ★ Vasco Pratolini e a geração perdida
Manuel pereira gamelas
- ★ a pesca do atum
Manuel bixirão
- ★ carta de Angola
José lino
- ★ a natureza e a vida
eng.º paulo seabra
- ★ grupo recreativo do pessoal da E. P. A.
- ★ noticiário
- ★ desenhos de João Carlos e Manuel Lino
- ★ linóleos de capitão José Pereira da bela

o espírito de progresso

Há alguns anos, um homem de cinquenta anos que seguisse um curso para aperfeiçoar os seus conhecimentos sobre o trabalho ou melhorar a sua cultura geral era um animal curioso... um fanático do estudo.

Ainda recentemente, ele provocava admiração no povo, constituindo uma excepção numa época em que a astúcia e o desembaraço vinham substituir cordatamente o conhecimento profundo, constantemente renovado.

Nos nossos dias, a sua atitude consciente, dinâmica, eficiente, faz ainda aflorar o sorriso a alguns... mas cada vez mais amarelo, para tentar esquecer que já estão ultrapassados, à margem da tendência inexorável que impõe ao homem, aperfeiçoar-se ou deixar-se ultrapassar.

Dentro em pouco, este estudante de meia idade será igual a toda a gente, arrastado pela necessidade de actualização contínua do saber, apoiado numa experiência que já não chega por si só.

Mas daqui a alguns anos, o homem de cinquenta anos que não frequentar cursos para aperfeiçoar os seus conhecimentos da profissão ou melhorar a sua cultura geral, fará pena... inspirará piedade.

E o homem de trinta ou quarenta anos, então!

• Travail et Maîtrise •
Agosto/Setembro-1962



equipa de futebol: no 1.º plano: Castro, Félix, C. Almeida, J. Azeredo, Eng. Moura, M. Lino e Lima; no 2.º plano: Morais, Lourenço, C. Jerónimo, J. Carlos, Oliveira, Rufino, Gamelas e Fidalgo.

de várias firmas e entidades aveirenses.

Contudo, o êxito destas iniciativas está a ser tão grande, que antevemos uma aurora radiosa para o desporto corporativo aveirense, num futuro mais ou menos próximo.

Oxalá esta previsão se confirme... e nós possamos estar presentes na sua concretização.

1.º aniversário

Completa a «FLÂMULA», com este número, um ano de vida consagrada ao estreitamento das relações entre todo o pessoal da Empresa de Pesca de Aveiro, grande família que, se se mantiver unida e com o apoio indispensável e precioso da Ex.ª Gerência desta grande Empresa, pode representar um elemento social de grande projecção no nosso meio, sobretudo logo que esteja devidamente organizado o Grupo Recreativo do Pessoal da E. P. A.

Fazendo um balanço desapaixonado ao primeiro ano de existência deste despretençioso Boletim, parece-nos que, embora modestamente, cumpriu a sua missão.

A pouco e pouco, os responsáveis pela sua publicação vão ganhando alguma experiência e a colaboração dos colegas vai aparecendo, com dificuldade, é certo, com alguns atrasos, mas de forma a manter o boletim com regularidade e em nível que supomos satisfatório.

No entanto, é justamente a colaboração o problema mais agudo do nosso empreendimento. Apelamos, por isso, mais uma vez, para os nossos colegas de terra e mar no sentido de acorrem com os seus artigos, contos, poemas, notas de viagem ou simples passatempos, para permitirem que a «FLÂMULA» possa continuar a publicar-se com a colaboração de todos.

É possível que a «FLÂMULA» tenha de mudar de título. A intransigência dos proprietários de uma revista nacional de grande projecção, cujo nome tem uma vaga semelhança sónica com o nosso, receando, talvez, uma concorrência que nunca lhe poderíamos fazer, vai forçar-nos, certamente, a procurar novo designativo; mas, de qualquer forma, o nosso boletim continuará a publicar-se, cumprindo galhardamente a sua missão, com a ajuda imprescindível da Gerência da Empresa de Pesca de Aveiro, a quem estamos sumamente agradecidos pelo apoio e incentivo que sempre nos tem dado.

a brigada

HÁ factos passados na nossa vida que, ou pela repercussão que tiveram ou pelo espectacular e inebriante entusiasmo que nos comunicaram, ou ainda, pelo inédito do seu nascimento, criaram actividade em nós, tornando-os inesquecíveis.

Assim, relembro à laia de episódio o que foi a vida no «São Gonçalinho» — nos mares da Groenlândia, no mês de Maio — quando no ano de 1954 eu fazia o meu baptismo na pesca do «fiel amigo».

Esta campanha, começada com bons auspícios, esteve prestes a fracassar; porém, o génio explorador que há tanto caracteriza os nossos marinheiros, tornou-a na mais abundante de quantas se têm realizado.

Os navios da nossa Empresa tinham, mais uma vez, sido os pioneiros dos bancos da Groenlândia naquela hora matutina. Jamais alguém tinha pensado em pescar por aquelas paragens com o Sol tão perto do horizonte.

Então, da miséria em que saímos dos bancos da Terra Nova, foi como se entrássemos repentinamente num oásis: o convés do nosso navio, de triste, sombrio e vazio, espargiu cintilações — naquela luz plúmbea, mortanceira, que o cinzento céu despojado, iluminado por um Sol desmaiado, a tudo comunica — transbordando de peso e volume, pela faustosa riqueza que como prémio nos era oferecida.



a nossa equipa averbado volumosa vitória, que se cifrou no resultado de 6-0. Alinhámos: Fidalgo; C. Jerónimo, Laurentino e J. Carlos; Mateiro e Rufino; Eng.º Seabra (depois M. Lino), Oliveiros, Vinagre, M. Alberto e Castro.

Por fim, no passado dia 15 de Dezembro, realizámos um jogo com a equipa do Stand Justino, que terminou com um empate a 1-1.

Neste desafio, a nossa formação foi a seguinte: Valdemar; C. Jerónimo, Laurentino e J. Carlos; Oliveiros e Rufino; Limas, Gamelas, J. Azevedo, Castro e Vieira. Na segunda parte, entraram M. Lino e Afonso, a substituir J. Azevedo e Castro.

Como se vê, em pouco mais de um mês, cinco desafios disputados, o que constitui, realmente, uma actividade muito interessante. É claro que neste capítulo de futebol, a sua prática tem sido feita sem quaisquer treinos, e portanto, sem um carácter de seriedade que, aliás, nunca se pretendeu.

Os desafios têm sido encarados como meras oportunidades para uma salutar confraternização entre o pessoal

equipa de voleibol: no 1.º plano: M. Lino, J. Carlos, Felis, e Eng.º Seabra; no 2.º plano: J. Azevedo, C. Gregório Claudino, Roberto, C. Jerónimo, Laurentino e D. Leite





Limas, F. Morte, Rufino, Oliveiros e Castro.

Depois, em 17 do mesmo mês, voltámos a jogar, desta vez num desafio interno em que defrontámos uma selecção das tripulações do «Santa Joana» e do «Santa Princesa». O resultado foi de 3-1 a favor do pessoal de terra, tendo esta equipa alinhado: Fidalgo; C. Jerónimo, Mateiro e Oliveiros; J. Carlos e M. Alberto; Vinagre, Rufino, Laurentino, M. Lino e Castro. Na segunda parte, jogaram ainda Gamelas, Nascimento e Bola, em substituição de Castro, C. Jerónimo e M. Lino.

No dia 1 de Dezembro, defrontámos uma equipa do Tribunal Judicial de Aveiro, que fazia o seu primeiro jogo, e a quem vencemos por 3-2, tendo o nosso grupo apresentado: Fidalgo; Oliveiros, Laurentino e Limas; Rufino e J. Carlos; C. Almeida, Eng.º Moura, C. Grangeon, Gamelas e Castro. Na segunda parte jogaram ainda Mateiro, Vinagre e M. Alberto, substituindo C. Grangeon, Eng.º Moura e Castro.

A seguir, jogámos contra os C. T. T., em 8 de Dezembro, tendo

nocturna

Tornaram-se aqui, todos, ainda poucos, os braços existentes a bordo.

O movimento no nosso convés assemelhava-se a Trafalgar Square: homens que corriam aos aros a receber as portas; homens que lançavam «boxes» às guias que vinham partidas; homens que desamarravam o saco atulando no peixe que já enchia o quète; homens que em ritmos certos de cadência acelerada golpeavam, eviscerando, decapitando ou escalando; ainda outros em azáfama confusa ao leigo, lavavam, mediam, transportavam e baldeavam peixe para o porão. Tudo isto se repetia 24 horas no dia. E era sem opressão, sem desagrado, havia entusiasmo e alegria, diligência e dedicação. Um entusiasmo comunicativo, uma alegria inebriante que todos sentiam e a todos animava na tarefa do trabalho.

À fúria do entusiasmo das primeiras horas, opunha-se já a inércia inevitável do cansaço. Os nossos homens estavam em «cima» havia 36 horas e pelas suas mãos tinham passado neste



período, tanto como 1.400 quintais de bom bacalhau. Havia que descansar, que dormir um sono reparador. Mas o nosso navio encontrava-se em estado de sítio: as vísceras, cabeças e espinhas de milhares e milhares de peixes acumulavam-se, em amálgama ensanguentada, por todo o convés; os quêtes, ainda cheios e transbordantes; as redes, algumas, necessitavam reforços. Mas os homens, esses, mais que tudo, careciam de descanso.

Nasceu assim a «Brigada Nocturna» que, constituída por todos aqueles que têm o seu serviço regulamentado por quartos, estando — como necessariamente estava — o navio parado, podiam arregaçar mangas e lançarem-se na tarefa imprescindível de limpeza, baldeação do peixe do parque para o quète, reforçar as redes, transferir sal de um para outro lado, enfim, completando um sem número de pequenas e gran-

des coisas que, não requerendo especialização, ocupam braços, roubando tempo.

A actuação da «Brigada Nocturna» estendia-se quase sempre por 4 a 5 longas horas. É recorde como dali saíamos nos primeiros dias, digo noites, aqueles que pela condição do seu trabalho não estavam acostumados a esforços físicos.

Ainda me lembro de uns a queixarem-se dos rins, outros das costas, braços e pernas, mas todos aguentavam firmes e de pé, é certo que enquanto uns por prazer, outros... porque não dizer? por vergonha.

Mas a cada noite a «Brigada» mais rendia, e era com admiração que os nossos homens viam pela manhã cedo, quando meio dormidos, meio entorpecidos, voltavam à lide, a escolha feita, o convés arrumado, o porão safe, as redes prontas, as mesas lavadas, como se mão de fada du-



rante o sono tudo aquilo fizesse. Nesta quadra, todos bem castigavam os músculos. Mas o que impressionava eram os olhos encarnados e expulsos das faces pela mirrança das carnes, as vozes fracas pela rouquidão, as mãos disformes, inchadas, cortadas pelos múltiplos golpes e picadas, retesadas pelo gélido bafo glacial, rosetadas de «roxas», de bordeados leitosos pelo prolongado contacto com a água.

Foi uma luta de heróis: 10.000 quintais em 19 dias, dezenas de redes consertadas, toneladas de sal que correram todos os cantos do porão, parecendo combinado em ocupar sempre o lugar mais impróprio.

Tudo isto foi, porém, necessário, para que no fim pudéssemos cantar vitória com os porões atestados, o «sal alagado», como se diz na gíria da pesca.

episódio narrado por

José Valente da Oliveira e Sousa

soal da E. P. A.

grupo recreativo do pes

Embora não se tenha ainda conseguido a oficialização do nosso Grupo, visto que a Comissão encarregada de estudar a sua regulamentação não pôde ainda apresentar os resultados do seu trabalho, a actividade desportiva do Grupo não tem parado, antes se alargou agora ao futebol.

Os treinos de voleibol prosseguiram até há pouco tempo, tendo sido interrompidos devido à falta de condições para praticarmos a modalidade no inverno, ao ar livre, não só pelas negações do tempo, mas também por que o espaço de tempo diurno disponível nos cerceia as possibilidades de treinarmos.

Até suspendermos a actividade, fizemos alguns treinos em conjunto com o Banco Português do Atlântico e a Fábrica Aleluia, os quais serviram para estreitar as nossas relações de amizade com os seus funcionários.

Apresentamos um flagrante de um dos treinos com o Banco Português do Atlântico, que, como a Fábrica Aleluia, suspendeu também há tempos a sua actividade.

Entretanto, e como dissemos atrás, levados pelo entusiasmo de algumas outras firmas e entidades cidadinas, fizemos no dia 3 de Novembro a estreia do nosso grupo de futebol, defrontando a Caixa de Previdência de Aveiro. Embora tivéssemos perdido, não se pode dizer que a estreia foi pouco feliz, pois os nossos adversários já tinham efectuado vários jogos e apenas nos venceram por 1-0.

Alinhámos nesse jogo com: Fidalgo; C. Jerónimo, Laurentino e Oliveiros; J. Carlos e Rufino; Félix, C. Almeida, Azevedo, Eng.º Moura e M. Lino. Na segunda parte, apresentámos a seguinte formação: Fidalgo; C. Jerónimo, Laurentino e Eng.º Moura; Gamelas e J. Carlos;

É graças à existência de radioelementos de muito longo período que existem ainda hoje os outros radioelementos. Se o rádio não estivesse a ser continuamente produzido pelo urânio, ele já há muito teria desaparecido, porquanto o seu período (1.590 anos) é muito pequeno comparado com a idade da terra.

A radioactividade é uma libertação espontânea de energia atómica. Um corpo radioactivo é composto de átomos cujo núcleo se transforma espontaneamente, emitindo energia sob a forma de radiações.

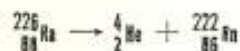
A energia atómica libertada no decorrer desta transformação corresponde a uma diminuição de massa do elemento.

As partículas α e β emitidas pelos elementos radioactivos são afinal fragmentos de átomos e por isso somos levados a considerá-los como divisíveis e portanto complexos.

A descoberta da radioactividade fez, assim, progredir extraordinariamente as teorias concernentes à estrutura do núcleo dos átomos.

Analisando os esquemas das famílias radioactivas, constatamos que os radioelementos, ao desintegrarem-se por emissão de partículas α , β ou γ , dão origem a novos átomos, que nascem e morrem, conforme o seu período de semi-desintegração. Isto constituiu a descoberta capital da radioactividade.

O conhecimento da radioactividade modificou todas as noções da química clássica, pois que, pela primeira vez, um corpo químico puro, por exemplo, o rádio, se transformava, dando origem a outro corpo puro, o hélio.



A este fenómeno dá-se o nome de **transmutação**: o átomo de um elemento radioactivo transforma-se no átomo de um elemento diferente. Assim, pela primeira vez, aparecia a possibilidade da transmutação da matéria, velho sonho dos alquimistas.

A **transmutação artificial** de um elemento foi obtida pela primeira vez por Rutherford, em 1919. A **radioactividade artificial**, processo de obter artificialmente elementos radioactivos, foi descoberta em 1934 por Irene Curie (irmã de Madame Curie) e seu marido Frédéric Joliot.

A descoberta da radioactividade artificial teve enorme importância nos vários domínios da Ciência e a ela nos referiremos no próximo artigo.

ILHA TERCEIRA

impressões de viagem
de João Filipe Dias Leite

DE novo têm os leitores da «Flâmula» de ler a minha prosa, escrita sempre ao correr da pena e sem pretensões de forma e de linguagem. Aconselho-os, para se não maçarem, a passar adiante e deixar de parte esta literatura mais que de «cordel», à qual não me pude eximir, embora o tivesse procurado fazer bastantes vezes. Todavia, o redactor principal do nosso Boletim tanto me puxou pelo casaco, ameaçando-me até de represálias de toda a ordem, com inclusão de sevícias, que não pude furtar-me a vir, mais uma vez, contribuir para que os leitores da «Flâmula» façam um comentário desagradavelmente justo aos meus rabiscos.

— AÇORES — Arquipélago do Continente, no meio do Atlântico. Que vos hei-de contar destas ilhas, não de todas, pois apenas conheço Santa Maria, São Miguel, Terceira, Faial e Pico?

Confesso sinceramente que não sei como começar. São tão diferentes! Tenho tantas recordações, boas e más, que só de as lembrar se baralham as ideias, não conseguindo definir um esquema a seguir.

Lembro, antes de mais, a primeira viagem que fiz àquelas Ilhas, em 1948, quando ainda nem sequer pensava vir trabalhar para a E. P. A. e durante a qual conheci o triângulo Terceira — São Miguel — Santa Maria.

Recordo perfeitamente. Fiz a viagem num avião militar — um DC 4, cujo número nas Forças Aéreas era o 282. Era um avião de transporte, sem quaisquer comodidades, com bancos laterais, sem almofadas, sem cabine pressurizada, enfim, um avião militar, onde o espaço deveria ser destinado a soldados equipados para combate e carga, que se situava a meio do avião, entre os bancos. Desagradável para quem faz uma primeira viagem grande.

Lembro agora um incidente curioso que se deu antes de sairmos de Lisboa. Na viagem acompanhava-me uma pessoa de família, para quem o viajar de avião, embora o tivesse feito muitas vezes, não era nada agradável. Antes da saída de Lisboa, e porque a viagem seria longa, pois sabíamos de antemão que iríamos encontrar mau tempo, esta pessoa, a quem muito quero, pediu-me que lhe comprasse um livro para estar entretida. O tempo era pouco, e no Aeroporto a escolha era difícil. Peguei num livro de que nem sequer li o título e, já a bordo, entreguei-o à destinatária. Com surpresa, verifiquei que, mal viu o título, o escondeu na mala de mão. Razão: o livro chamava-se «A MORTE ACOMPANHA-ME NA VIAGEM».

Felizmente nada aconteceu e depois de seis horas de voo, aterrámos no Aeroporto das Lages — na Ilha Terceira.

A saída, embora tivesse observado do ar a panorâmica da Ilha, tive a sensação que tinha caído repentinamente na América, tal era o movimento de aviões militares e de tropas daquela nacionalidade.

Passada a primeira impressão, tomei contacto real com a Ilha e fui tomando conhecimento dos seus costumes, das suas belezas, da sua vida, etc..

Vou dar-vos uma ideia do que sinto sobre a Ilha Terceira dos Açores.

Certamente ninguém ignora que esta Ilha foi assim denominada por ter sido descoberta em terceiro lugar.

Pertence ao Grupo Central. A sua capital é Angra do Heroísmo, que ao mesmo tempo é Capital do Distrito, a que pertencem, além desta, a Graciosa e S. Jorge.

vista geral da cidade de Angra



Simultaneamente às expulsões do núcleo, quantidades enormes de energia podem ser libertadas.

Segundo uma lei geral da Natureza, o estado mais estável de um sistema é aquele que corresponde a um conteúdo de energia mínimo. Se o núcleo de um átomo está no estado excitado, ele tende a passar ao seu estado fundamental ou de energia mínima, emitindo o excesso de energia sob a forma de raios electromagnéticos de comprimento de onda muito curto (raios γ).

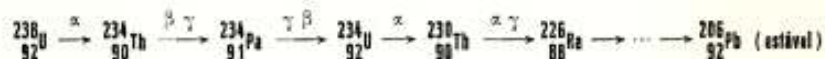
Os raios α , β e γ , exercem sobre os organismos vivos uma influência destruidora, devido ao seu grande conteúdo energético e por isso as substâncias radioactivas são encerradas em câmaras de chumbo e betão.

Famílias Radioactivas

Um elemento radioactivo ao desintegrar-se dá origem a um novo elemento, que pode ser estável (e portanto não radioactivo) ou ser ainda radioactivo. Neste caso desintegrar-se-á de novo e tantas vezes sucessivas até chegar a um elemento estável. A este conjunto de desintegrações dá-se o nome de **família radioactiva**.

Conhecem-se três famílias radioactivas: família do urânio (ou do rádio), família do tório e família do actínio.

Por exemplo, a família do urânio sofre uma série de desintegrações por emissão de partículas α , β e γ até obter um elemento que possui o núcleo estável, o chumbo:



Porém, os núcleos instáveis decompõem-se continuamente e, por isso, seria de supor que actualmente já não existissem elementos radioactivos sobre a terra.

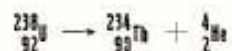
Tal não acontece, pois que certos destes elementos, como o ${}_{92}^{238}\text{U}$ têm uma decomposição muito lenta. Chama-se **período de semi-desintegração** de um radioelemento o tempo ao fim do qual a sua massa se reduz a metade.

Exemplos: O ${}_{92}^{238}\text{U}$ tem um período de 4.600 milhões de anos; o ${}_{84}^{214}\text{Po}$ tem um período de 1 milionésimo de segundo.

a) — Emissão de uma partícula α .

Dois prótons e dois neutrões têm uma grande tendência a associar-se para formar uma partícula α . Um elemento radioactivo, ao perder uma partícula α , transforma-se num elemento diferente, com o número de massa diminuído de 4 unidades (2 prótons + 2 neutrões) e número atómico inferior em duas unidades (2 electrões). Pela emissão duma partícula α o átomo ficaria com um excesso de dois electrões planetários, mas estes soltam-se para que o novo átomo resultante fique com o número atómico que lhe compete.

Exemplo: Consideremos o caso do urânio ${}_{92}^{238}\text{U}$ (número de massa 238, número atómico 92), que ao emitir uma partícula α se transforma noutro elemento radioactivo, o tório ${}_{90}^{234}\text{Th}$ (número de massa 234, número atómico 90).



$$(238 = 234 + 4 \text{ e } 92 = 90 + 2)$$

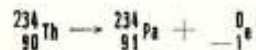
Isto é o exemplo de uma reacção nuclear.

b) — Uma partícula β (um electrão) pode deixar o núcleo.

Mas como pode haver emissão de electrões do núcleo se, como vimos até aqui, existem neste somente prótons e neutrões? Admite-se que cada neutrão, partícula sem carga eléctrica, é constituído pela associação de um próton com um electrão.

Então, quando da expulsão de um electrão do núcleo, este último não muda praticamente de massa, mas a sua carga nuclear é acrescida de uma unidade.

Exemplo: O tório ${}_{90}^{234}\text{Th}$, ao expulsar um electrão do núcleo, transforma-se noutro elemento radioactivo, o protactínio ${}_{91}^{234}\text{Pa}$.



c) — Emissão de radiações electromagnéticas (radiações γ).

Na Terceira, a população dedica-se especialmente à agricultura e, dentro desta, devemos destacar a criação de gado leiteiro e a cultura de milho.

A população é, de uma maneira geral, indolente, talvez como consequência do clima, um pouco deprimente, excessivamente húmido e relativamente quente da Ilha.

Sob o ponto de vista paisagístico, se se não podem descrever os encantos de uma sub-tropicalidade natural como a de São Miguel ou uma beleza cultivada como a da Madeira, também se lhe não pode atribuir uma aridez, nem tão pouco uma insipidez e desinteresse total.

Não. Embora sem belezas excepcionais, é uma Ilha agradável de se ver, com um aspecto prazenteiro e simpático que, principalmente do ar, se nos apresenta acolhedora com os seus campos verdes, misturados com muros de hidrâneas de um colorido azulado, que lhe é dado pela constituição do seu solo de origem vulcânica.

Digno de visita, sob este aspecto, posso indicar o «Monte Brasil», junto de Angra do Heroísmo e a «Serreta», perto da povoação de Biscoitos.

Em pinceladas breves e rápidas, é esta a impressão paisagística da Terceira que retenho.

Sob o ponto de vista etnográfico, a propósito de clima foquei a indolência dos seus habitantes, mas há mais que dizer, sobretudo costumes curiosos que ainda se verificavam quando ali estive em 1949.

Independentemente da indolência que era patenteada pelo facto de, fosse a que hora fosse, se encontrarem os terceirenses, das classes humildes, bem entendido, à porta das suas habitações, muito recostados, fumando o seu cigarro, há um pormenor digno de nota.

Naquele tempo, ainda se via com muita frequência o homem do povo da Terceira, muito bem vestido, engravatado, mas... descalço. Dai o facto de, pelos continentais, serem chamados de «Descalçinhos», enquanto que pelos restantes ilhéus são chamados de «Rabo Torto».

A alimentação era também muito frugal, ape-



vista parcial da baía de Angra

nas leite e a maior parte das vezes milho, cozido ou assado, sem dúvida para evitar um maior trabalho.

Os Terceirenses têm o culto pela festa e, de Maio a Outubro, em todas as povoações há uma festa semelhante e que pelo seu tipicismo, é curioso conhecer.

A festa compõe-se de duas partes principais, ou melhor, que eu considero principais, por serem as que mais me feriram a atenção: a parte beneficente, de carácter mais ou menos religioso e a parte de diversão.

A parte beneficente é a razão de ser da festa e é levada a efeito nos chamados «Impérios», sendo os organizadores, que correspondem aos mordomos continentais, os «imperadores».

Vejamos o que são impérios e em que consiste a primeira parte da festa.

Império é uma edificação pequena, com um aspecto de oratório, onde são colocadas as oferendas destinadas aos pobres. Estas oferendas são normalmente constituídas por bolos e leite e ao conjunto dá-se o nome de «Bodo de Leite».

Este «bodo» é distribuído no sábado e constitui a parte beneficente da festa.

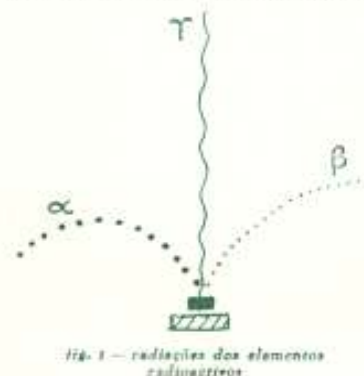
Ao domingo, há a tourada à corda. Espectáculo divertidíssimo em que o touro, preso por uma corda e seguro por vários homens, vai procurando marrar os que o desafiam.

portadores de duas cargas eléctricas positivas e percorrem no ar uma distância de uns 6 centímetros, sendo retidos por uma simples folha de papel.

Os raios β são constituídos por partículas 1.850 vezes mais leves que um átomo de hidrogénio, animados de velocidade vizinha à da luz (300.000 km/s), são muito penetrantes e estão carregados de electricidade negativa igual à carga elementar, isto é, à carga de um electrão.

Os raios γ são radiações electromagnéticas do tipo das radiações luminosas, de velocidade igual à da luz, não são desviados pelos campos magnéticos ou eléctricos e são extremamente penetrantes, conseguindo atravessar lâminas de chumbo com vários centímetros de espessura.

Os núcleos atômicos, como já vimos, são constituídos por prótons e neutrões. Estas partículas movem-se com velocidades enormes, de muitos milhares de quilómetros por segundo e estão sujeitas a forças de atracção e repulsão. As partículas do núcleo sofrem, pois, repetidos choques e quando estes se produzem no sentido centrífugo, pode acontecer que algumas delas sejam expulsas do núcleo. Quanto mais alto for o lugar do elemento na classificação pe-



riódica de Mendelejeff, isto é, quanto maior for o seu peso atômico, maior é o número de partículas em movimento e portanto, maior é a probabilidade de perda dum desses corpúsculos do núcleo.

Por exemplo, no rádio ${}^{226}_{88}\text{Ra}$ (núcleo com 88 prótons e 138 neutrões) e no urânio ${}^{238}_{92}\text{U}$ (núcleo com 92 prótons e 146 neutrões) a emissão espontânea de radiações nucleares é frequente, e, consideradas no conjunto das emissões de todos os átomos duma porção de elemento, ficamos em presença da radioactividade.

Desintegração dos elementos radioactivos

Vejamos o que se possa quando se produz a desintegração do núcleo instável dum elemento radioactivo pela emissão de partículas α , β ou γ :

a natureza e a vida

pele eng.º paulo seabra

3 — radioactividade

Em 1896, Henri Becquerel, ao estudar a fluorescência, verificou que um composto de urânio, depois de exposto aos raios solares, impressionou uma chapa fotográfica envolvida num papel preto opaco, junto da qual foi colocado. Ao prosseguir as suas investigações e faltando-lhe a luz solar para obter a fluorescência, meteu dentro de uma gaveta o composto de urânio junto da chapa fotográfica envolvida em papel opaco.

Seguiram-se dias nublados e, passadas algumas semanas, Becquerel voltou a pensar no assunto e lembrou-se de revelar a chapa que havia guardado, tendo então observado, com certa emoção, que a emulsão fotográfica fora impressionada

pelo urânio, apesar de não haver fluorescência em causa.

Nas experiências que realizou em seguida, concluiu que as substâncias fluorescentes não impressionavam as chapas fotográficas, mesmo no estado fluorescente, mas em compensação todos os compostos de urânio, ainda que não fluorescentes, impressionavam as emulsões fotográficas, apesar de protegidas com papel preto ou delgadas lâminas de alumínio.

Foi assim que em 1896 Henri Becquerel descobriu a **radioactividade** — propriedade que certos elementos possuem de emitir espontânea e continuamente radiações invisíveis. Os elementos que possuem esta propriedade chamam-se **elementos radioactivos** ou **radioelementos**.

Pouco depois, em 1898, Madame Curie descobriu, em colaboração com seu marido Pierre Curie, mais dois elementos radioactivos, a polónia (nome dado por Madame Curie em homenagem à sua terra natal, a Polónia) e o rádio, radioelementos estes que se formam por decomposição radioactiva do urânio.

As radiações radioactivas têm a sua origem no núcleo do átomo e compõem-se de 3 espécies de partículas: os raios alfa (α), raios beta (β) e raios gama (γ).

Os raios α são núcleos de hélio, portanto com a massa 4 (2 prótons e 2 neutrões), são

Como são os homens da corda quem regula o touro, por vezes dão-se espectáculos verdadeiramente hilariantes.

Como estas touradas são realizadas nas canadas — ruas delimitadas por muros de pedra solta — dá-se muitas vezes o caso de o touro investir com o muro, deitá-lo abaixo e procurar agredir os espectadores. O pânico resultante, que aliás, nunca tem



Ilha Terceira — estrada das hortências

grande perigo, por o animal ter o seu raio de acção limitado, dá origem a um espectáculo divertido e único.

Para estas touradas, as populações deslocam-se de distâncias consideráveis e não há serviço que os faça perder este espectáculo.

As que acabais de ler são as impressões que me ficaram da Ilha Terceira, impressões gerais, para quem passa por ela sem a estudar com profundidade.

É contudo, uma Ilha alegre, de gente simples, afável no trato e muito agradável, que nos deixa sempre recordação e saudade.

a gestão dos «stocks»

Os materiais (matérias primas, produtos semi-fabricados, etc.) são armazenados com vista à sua utilização nas oficinas. Esta armazenagem deve corresponder a duas exigências: primeiro, custar o menos possível e depois, satisfazer as necessidades da fabricação. Eis os problemas a resolver para o conseguir.

OS ARMAZÉNS

1 — diferentes armazéns

Um armazém é um local fechado no qual se depositam provisoriamente os materiais, as mercadorias ou os produtos, quer semi-fabricados, quer acabados. Em todas as empresas existem várias espécies de armazéns, com atribuições bem definidas:

- 1.º — os *armazéns de matérias primas* (materiais necessários para a fabricação);
- 2.º — os *armazéns de produtos semi-fabricados*, para armazenagem dos materiais que já sofreram uma transformação;
- 3.º — os *armazéns de materiais de consumo*, onde se colocam os fornecimentos necessários ao tra-

mento de barbaridades que julgava impossíveis neste século. Imediatamente o Governo Geral tomou providências e foram enviados reforços para as localidades mais afectadas. Pouco tempo depois chegavam da Metrópole os primeiros contingentes militares que, auxiliados por civis, autoridades administrativas e policiais procederam à recuperação heróica de algumas povoações onde os bandoleiros se haviam instalado.

Presentindo a derrota, o inimigo muda de tática e dedica-se à destruição das fazendas agrícolas, na altura ocupadas por trabalhadores indígenas fieis. Mas estes, desarmados, ou são mortos à catanada ou fogem.

O extraordinário papel desempenhado pelo Corpo de Voluntários Civis na colheita do café e na recuperação das fazendas, faz-se notar na altura. E à medida que os reforços vão chegando da Metrópole, o dispositivo militar avoluma-se e têm então lugar operações militares de certa envergadura. Nambuanguo, Quipedro, Canda e Pedra Verde, são nomes que acrescentam o brilho do Exército e da Aviação portugueses, como o são também as acções desenvolvidas em inúmeras outras áreas que vão sendo heróicamente reocupadas. Em quase todas estas operações, os militares são guiados por civis e acompanhados por autoridades administrativas. Enquanto aqueles mantêm a indispensável protecção, os civis retomam as suas propriedades e as autoridades procuram repor os seus serviços em ordem.

Hoje, o terrorismo já não existe em Angola. Os terroristas puseram as catanas e canhangulos de parte e passaram à categoria de guerrilheiros. Começam a estar bem armados, dispondo até de minas que colocam na estrada. A fronteira congoleza continua a oferecer-lhes refúgio e apoio, mas a eficiência da acção militar portuguesa e a actividade constante das patrulhas obriga-os a diluírem-se em pequenos grupos que vivem nas regiões mais inacessíveis e cuja presença os nossos soldados, entranhando-se no mais denso das matas, conseguem detectar.

Estes grupos são dirigidos por elementos que foram treinados no norte de África, aproveitando as lições da luta argelina e encontram nas autoridades congolezas facilidades para instrução militar e apoio no reabastecimento.

Dos 14 partidos que se propõem «libertar» Angola, a UPA (União dos Povos de Angola) e o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) são os mais importantes e os mais activos nesta fase da luta.

Ambos têm pontos de vista divergentes entre si, chegando mesmo a guerrear-se em pleno mato.

Será portanto impossível que qualquer deles se apresente como libertador, quando o próprio povo de Angola discorda dos seus propósitos e é o primeiro a negar-lhes o seu apoio. A lição do Congo ainda está quente e viva na memória de todos. E todos sabem que não há progresso no caos.

A luta vai ser demorada e desgastante, mas os nossos soldados prosseguem animosos com a pacificação do Norte da Província, onde a Paz, decerto, há-de tornar a sorrir e o preto e o branco, irmanados no mesmo sentimento patriótico, hão-de continuar o progresso de Angola.

José lino



tence aos indígenas do Sul que não se interessam em o negociar.

Na agricultura encontrou Angola, nestes últimos anos, um impulso extraordinário para o seu progresso. A elevada cotação do café e do sisal contribuiu bastante para o actual esplendor urbanístico de Luanda e até mesmo para o alargamento da cidade de Lisboa. A média de construções feitas em Luanda no espaço de 10 anos, até Março de 1961, calculou-se em uma por dia. Esta cidade é considerada hoje uma das mais belas e progressivas da África Negra. Tem formosas avenidas, prédios de 12 a 15 andares, casas comerciais, tão boas como em Lisboa, praias belíssimas, bons hotéis, etc.. Por seu lado, todas as cidades dos distritos beneficiaram do progresso geral e são hoje cidades já importantes. Sobressaem Lobito, Benguela, Sá da Bandeira, Nova Lisboa e Carmona.

O comércio conheceu um período áureo que permitiu a formação de pequenas povoações no interior.

A indústria também se desenvolveu, havendo na província fábricas de tecidos, de açúcar, de descasque de arroz e café, de conservas de peixe, de cimento, de cerveja, de sacaria, etc.. Em Luanda há ainda uma moderna e importante refinaria de petróleo.

Os portos da província foram muito melhorados, sendo o Lobito o principal porto de Angola, graças ao trânsito das ricas produções do Katanga.

Este surto de progresso, aliado à Paz existente e à confiança no indígena local, mesmo apesar da evolução política de toda a África e da independência do Congo ex-Belga, nunca fizeram prever o que viria a suceder a partir de 15 de Março de 1961. Na manhã deste dia eclodiu o terrorismo em Angola.

Quitexe, Zalala, Nambuagongo e Madimba foram as primeiras povoações a sofrerem, simultaneamente, os ataques mais horrendos e sangüinários jamais vistos em África. Corpos de portugueses: brancos, pretos e mestiços que não quiseram aderir à revolta que estava sendo forjada desde há 3 ou 4 anos, homens e mulheres, adultos e crianças ficaram aos pedaços. Logo a seguir, Cólua, Úcuá e Lucunga sofriam idênticos massacres

e os seus habitantes, impossibilitados de fugir às garras assassinas do inimigo, ficavam espartilhados sobre o solo.

Os postos emissores haviam sido destruídos pelos bandoleiros e só dois dias depois chegavam a Luanda as primeiras notícias concretas de tais acontecimentos horríveis.

O mundo estremeceu ao tomar conheci-



balho das máquinas e sua conservação (óleos, massas, correias, pequenos utensílios ou ferramenta, material eléctrico, etc.);

4.º — os *armazéns de produtos acabados*;

5.º — Eventualmente, os *armazéns de embalagens e detritos*.

II — armazém único ou diversos armazéns

Um certo número de organizadores sugere o emprego dum armazém único, que agrupe os diferentes armazéns que acabam de ser enumerados. Uma tal centralização, apresenta vantagens para a administração, fiscalização e controle, mas nem sempre é aplicável.



...! o material nunca deve voltar atrás! ...!

Realmente, é racional que, no seu ciclo de circulação, o material nunca volte atrás. Por conseguinte, é preferível ter o armazém de matérias primas no princípio do circuito e o armazém dos produtos acabados na outra extremidade, encontrando-se os outros armazéns, na medida do possível, na

proximidade dos lugares onde devem servir. Esta repartição não vai de encontro à regra da *unidade de armazém*, que não determina a unidade de local, mas preconiza essencialmente a *unidade administrativa e contabilística*. Os armazéns secundários são considerados como anexos do armazém principal e são todos colocados sob a responsabilidade de um *único chefe*.

III — organização material dos armazéns

Independentemente da sua localização, que deve ser a mais prática possível, em atenção ao seu destino, os armazéns devem corresponder a características bem definidas.

a) — *A superfície disponível deve ser utilizada da melhor forma.*



Num armazém, a questão do espaço é sempre primordial; o atravancamento também deve ser mínimo. Para cada material depositado, deve ser estudado com cuidado o sistema de arrumação adequado.



Sempre o problema do espaço!...

b) — *As manutenções devem ser reduzidas ao mínimo.*

É, antes de tudo, uma questão de ordem e de método.

c) — *A determinação dos materiais deve ser instantânea.*

A ordem é a maior qualidade dum armazém bem orientado: para a conseguir, é necessário estabelecer uma classificação lógica e uma designação visível dos objectos armazenados.

A classificação é feita, em geral, por naturezas, para evitar toda a pesquisa.

(continua)

relações no trabalho a grade

Quando você fala com alguém, tudo se passa como se existisse entre si e ele uma grade, de malhas mais ou menos apertadas.

Algumas palavras, certas expressões fixam-se nessa grade e o interlocutor não percebe senão uma parte do que você exprime: palavras científicas ou mal pronunciadas, frase incompleta, etc...

Se as malhas forem muito apertadas não passa nada: é um écran. Consequências: incompreensão, falsas notícias, ordens mal executadas.

Cada um dos nossos interlocutores tem a sua grade; atravessá-la depende do nosso vocabulário, da nossa atenção, do nosso tacto. Conhecer o seu interlocutor, o seu colega ou o seu subordinado é saber o que pode passar através da sua grade.

Não empregamos a mesma linguagem com uma criança ou com um adulto: grade diferente; com um homem e com uma mulher; com um operário reservado ou expansivo.

Pensar nessa grade, é reflectir na melhor maneira de ser compreendido, é juntar exemplos concretos a uma ideia abstracta, é ainda falar claramente, repetir sob outra forma, é escolher a palavra, a entoação, adaptadas às circunstâncias.

É ainda... mas você descobri-lo-á por si mesmo.

jean chambois

(in «Travail et Maîtrise» de Agosto/Setembro de 1961)

a sua história e foram eles que aqui trouxeram as primeiras luzes da civilização e do cristianismo.

Mais tarde, a África começou a despertar o interesse da Europa, daí resultando a sua divisão. Assim, a maior parte dos territórios que os portugueses haviam descoberto foi repartida pela França, Grã-Bretanha, Alemanha e Bélgica, conforme ficou decidido na Conferência de Berlim de 1885. Os restantes que nos deixaram deram ainda para formarmos Moçambique, Guiné, Angola e ainda as ilhas de Cabo Verde, São Tomé e Príncipe.

Angola, estendendo-se desde o Rio Zaire ao Rio Cunene e do Atlântico ao Zambeze, é a maior província ultramarina (14,5 vezes maior que Portugal continental). A sua população está calculada em 4.300.000 habitantes, dos quais 400.000 são brancos e 90.000 são mestiços. Os restantes são pretos de diversas tribos. Administrativamente está repartida em 14 distritos, alguns deles maiores que toda a Metrópole.

Uma das maiores riquezas da Província, reside nas suas enormes possibilidades hidroeléctricas, havendo já hoje em exploração oficial a barragem das Mabubas situada sobre o Rio Dange, que abastece Luanda; a da Matala, situada sobre o Cunene, que serve Sá da Bandeira, Silva Porto e Nova Lisboa, e a do Biópio, sobre o Catumbela, que fornece energia ao Lobito e Benguela. Encontra-se ainda em construção a Barragem de Cambambe, sobre o Rio Cuanza, a qual fornecerá 3.900 milhões de Kwh, ou seja mais que o total da energia hidroeléctrica produzida por todas as barragens da Metrópole. A construção desta barragem encontra-se em fase muito adiantada e a sua inauguração está prevista para Março-Abril de 1963.

Por outro lado, Angola é um dos maiores produtores de diamantes e o principal produtor africano de café. É ainda um importante produtor de oleaginosas, sisal, madeiras (em especial em Cabinda), farinha de peixe (em Moçamedes), milho, açúcar, algodão (em Malange), etc.

É um recente mas já importante produtor de ferro, extraído das minas do Cuima e Cassinga no distrito da Huila (cujas reservas estão calculadas em 25 milhões de toneladas); Monte Saia e Tumbi em Malange.

A extracção do petróleo tem sido feita nos arredores de Luanda e com incremento em Moçamedes, havendo esperanças de que seja encontrado em breve em Cabinda.

Também o gado é uma riqueza angolana, embora esteja ainda mal aproveitada. A maior parte per-

libertação

conto de João Carlos Soares

Chamam-me pessimista só porque nos meus contos predomina a exaltação da morte! Creiam, meus amigos, que estão errados. O que para vós é pessimismo, para mim é optimismo. Não sentis, como eu sinto, que a vida é um mero acidente, uma fatalidade? Por cada partícula de alegria, ela proporciona-nos cem de desespero. É por esta razão, bem firme, que eu patenteio a morte perante vós, irmãos na desgraça cruciante do existir, na certeza de que o nome real que se lhe deve atribuir é o de **LIBERTAÇÃO!**

Posto isto, rogo-lhes que me não condeneis, meus bons senhores, e me deixeis continuar a libertar os meus personagens fictícios, em tudo semelhantes aos autênticos que comigo cruzam diariamente, de semblantes emurchecidos, nos passeios desta cidade de cara lavada, mas de ar pejado de micro-organismos.

Mas basta de cogitações. Urge começar o conto e para isso necessito de um perso-

nagem. Vou escolher um qualquer que vegeta no passeio em frente. Pode ser aquele de olhar angustiado. Por acaso é meu conhecido e chama-se Ernesto. Tem uma história triste. É claro que nem todos se chamam Ernesto, mas todos têm histórias tristes, embora diferentes.

A vida, até há coisa de um ano, decorrera-lhe razoavelmente. Ganhava o que se convencionou chamar o «pão de cada dia», numa próspera fábrica, alimentando intermitentemente grandes fornos, sempre envolto em espessas e negras volutas.

Era tóxico o ambiente e de autómatos o trabalho? Bah! Isso não lhe dava razão. O que ganhava ia chegando para entreter o estômago da sua Amélia e dos catraios. Aos domingos, dava o seu passeiozito, com a família, pelo jardim.

Muito se ria com os miúdos. Tinha piada o modo como eles olhavam os cisnes brancos de asas grandes que

LUANDA

Balacende, Dezembro de 1962

De Angola, onde me encontro ao serviço da Pátria, a todos saúdo e peço me desculpem pelo tempo que porventura vos roubo com a leitura destas linhas.

Não podia, porém, ficar indiferente a um pedido do nosso Chefe de Escritório, para que fizesse um artigo contando coisas de Angola na nossa «Flâmula».

Confesso que não me sinto muito à vontade em redacções desta natureza. No entanto, baseando-me em livros que li sobre Angola e no que ouvi e vi, vou procurar, dentro do possível, fazer algo que não fique muito mal nas páginas da nossa conceituada revista.

Encontro-me em Angola há 14 meses. Durante este tempo, percorri esta nossa província desde Nambuagongo a Sá da Bandeira, e conheço algumas das principais cidades, como Luanda, Lobito, Benguela, Sá da Bandeira e Novo Redondo. Presentemente, encontro-me no mato, no Norte da Província, onde decerto permanecerei até meados do ano que vem, altura em que deverei regressar à Metrópole.

O que sei acerca desta nossa grande província já para vós não constitui novidade.

Como é do conhecimento geral, a África, pelo menos em toda a sua costa Ocidental e em grande parte da Oriental, foi descoberta pelos portugueses. É, portanto, com os portugueses que começa praticamente

deslizavam na superfície das águas ludras do lago. Enfim, mais riso amarelo, menos riso amarelo, a coisa ia.

Mas o dia diferente surgiu...

Uma malota desconhecida veio procurar na enxada semi-nua os seus dois filhos. A desolação passou a habitar as modestas águas-furtadas do proletário. As poucas economias do casal, destinadas a uma alfinção, depressa foram consumidas em medicamentos de nomes arvezados, quase sempre terminados em ina, sem que resultados práticos se verificassem.

Ernesto contorcia as assadas mãos de desespero. Tinha de arranjar dinheiro. Mas como, como?

Então a solução surgiu-lhe com naturalidade. Tiraria algum dinheiro que havia na caixa grande do escritório da fábrica. Quando pudesse, reptaria.

Que dia, se o descobrissem, sempre haviam de compreender que, se fazia aquilo, era por humanidade!

Fê-lo. Mas a desdita que desde o berço sempre o acompanhara, foi amante ciosa na hora do gesto aviltante.

Sentaram-no no banco desnudo dum tribunal humano, onde os juizes foram desumanos.

Uma cela fria, uma manta esfarrapada e após um ano, o sol de novo a brilhar, deixando um amarelo mais carregado.

Os filhos haviam-se finado. A mulher, sem recursos e delimitada, percorria o trilho incerto da mendicidade. Andava por aí, ao Deus dada, aguardando, talvez, uma bênção do céu.

Ernesto, mal saiu, buscou-a e não a achou. Por que estranhos locais andaria ela? Era uma dúvida que o atormentava. Ia-a procurando sempre, e ao mesmo tempo batendo a muitas portas a implorar trabalho. Mas todas se fechavam ante o ex-proletário. Cada qual, num egoísmo chocante, apenas se preocupava com os seus próprios problemas. Onde está a solidariedade dos que sofrem pelos que sofrem? E demais nestes tempos de demência ferina...

— Presidência? Não, não serve. Demais nem sequer há vagas. E eram sempre respostas ambíguas as recebidas, sem que ao menos tremeluzisse uma centelha de esperança.

Braços pendentes, expressão de desalento e o continuo vaguear de terra em terra. Pobre pária da sociedade! Erraste uma vez, se é que erraste, mas o ferrete marcou-te pela vida fora.



ante a avidez dos grandes esqualos. Mas o pescador, «bicheiro» firme nas mãos calejadas, não o deixa escapar; o seu brio de bom pescador também está em causa e sente pesar em si, ameaçadores, os olhares duros de dois ou três camaradas. Que o peixe, se fugisse, podia também arrastar o cardume atrás de si!

O peixe, fora de água, deixa de se debater; já não está no seu elemento. É içado; ainda estrebucha longa e violentamente no convés, até se aquietar numa resignação que confrange, os grandes olhos vidrados, as barbatanas batendo levemente.

A certa altura, todo o convés está repleto; o sangue escorre e é espalhado em todas as direcções.

— Mais isca! Depressa! — ainda gritam alguns.

Mas o peixe já rareia; uns mortos, outros saciados, do cardume pouco resta.

Ainda se vê passar, calmo, grave, no seu nadar gracioso, o terrível tubarão; de repente, é a debandada, e a procura doutro cardume começa.

manuel bixirão

cada vez mais perto à procura de comida, com uma velocidade e leveza tais, que empolga a quem pela primeira vez contempla semelhante espectáculo.

Nas suas voltas rápidas, espadana vigorosamente à superfície das águas, que ficam como que em efervescência, durante alguns segundos; procura a sombra protectora do barco, pois daí, escondido, espreita a presa. De repente avista-a e lança-se vertiginosamente, pronto a tragar mais uma vítima indefesa; mas a sua corrida é cortada brutalmente.

Encontrara o anzol, a vara, o pescador, que reteza todos os músculos, oscila, mas aguenta o embate violento. E a luta é travada entre o homem e o peixe; este, porém, está condenado.

— Força nesse «salto»! Agarra-o bem! Olh'ê bucheiro!
— rouqueijam entusiasmados.

Por momentos, o peixe quase se liberta do anzol; é grande, muito grande mesmo, e debate-se loucamente; ali em cima, deve-o pressentir, está o fim de toda a sua vida, das migrações para melhores águas, da caça, da fuga desenfreada



Ninguém sabe do que ele vive. Ousei uma ocasião perguntar-lho e ele fugiu de mim, como foge de toda a gente. Se lhe querem dar uma moeda, ele pragueja e cospe no chão com desprezo. Como ele odeia tudo e todos! Não sou grande psicólogo, mas quase juro que ele vive com a certeza de que toda a gente espeta o dedo na sua direcção e murmura: Presidiário!

É esta, leitores, a história banal, terrivelmente banal, mas patética, dum irmão nosso. Ele sofre e nós somos os culpados do seu sofrimento. Quando nele a esperança ainda era latente, devíamos ter aberto os braços e clamar:

— Vem, irmão, vem... Sabem porque o não fizemos? Porque somos homens. As nossas mãos de esterco não dão flores.

Escrevi isto há perto de um mês. O manuscrito, cheio de imperfeições, ficou guardado no fundo duma gaveta. Trouxe-o para a claridade para lhe atribuir um fim. Aliás, o mérito não é meu, mas unicamente do destino. Minha é só a descrição.

É verdade. Ernesto morreu, mas por favor, não me chamem monstro, por esperar que isso acontecesse. O certo é que eu tinha a percepção deste desenlace, mas não me perguntem porquê, que não sei.

Não tenham pena. No seu fim, houve uma réstea de felicidade.

Eu conto como foi.

De mãos enfiadas nos bolsos do casaco esburacado, Ernesto contemplava, abstracto, a grande avenida em frente, onde opulentos «espadas», conduzidos por gente de fatos de fino corte, rolavam em todos os sentidos, em velocidades vertiginosas, como se o tempo contasse e cada segundo fosse fundamental na vida. O seu olhar estendia-se até ao passeio oposto, onde o formigueiro humano era compacto. De repente, estremeceu. Os seus olhos esbugalhados fitavam uma mulher que seguia de olhar cravado no chão.

— Amélia, Amélia!

Ela olhou. Simultaneamente, correram um para o outro. Já mãos tocavam mãos, quando o Cadillac negro surgiu veloz... e surgiu a **LIBERTAÇÃO**.



É Natal! festa da família...

Mais um ano vai terminar da vida ainda jovem da «Flâmula», e esperamos que continuemos, no novo ano que vai surgir, sempre unidos no nosso trabalho e em sã camaradagem, para que possamos alcançar tudo aquilo que nós todos ambicionamos, fazendo da nossa Empresa uma Família unida.

Desejamos a toda a família da E. P. A. um Bom Natal e um Novo Ano Muito Feliz.

culinária

broinhas de natal

Em 350 gramas de açúcar o ponto de pasta, vai-se juntando farinha de milho, mexendo sempre sem parar até a massa ficar bem enxuta, para receber, fora do lume, 3 ovos inteiros, por bater, 100 gramas de manteiga derretida, uma colherzinha de canela em pó e outra de erva doce, também em pó. Mexe-se bem e volta ao lume, depois vasa-se numa travessa e fica para o outro dia. No outro dia, estendem-se as broinhas em oval, pintam-se na parte superior com gema de ovo e vão ao forno a cozer em tabuleiros untados com manteiga.

Esta receita dá 33 broinhas. Para ficarem tenras, ao saírem do forno e ainda quentes, embrulham-se bem num pano até arrefecerem.

podim «celeste»

6 ovos inteiros
6 colheres de açúcar
1 copo de leite
sumo de 2 laranjas

Mistura-se tudo muito bem, deita-se em forma barada com açúcar queimado e coze-se em banho-maria.

cantinho da mulher

coordenação de maria josé

- culinária
- moças
- curiosidades
- poesia

Todos os olhos estão fixos avidamente nas tranquilas águas do mar; todos sentem reviver em si aquele instinto bárbaro do homem primitivo que, para viver, tinha que matar e que na caça conseguia o seu sustento. Séculos e séculos não conseguem subjugar esse instinto primitivo de caça, perseguição, posse.

E de repente, estoura o grito:

— Ai está ele! O cardume! Pára! Pára!

E a espadanar vigorosamente a água, atraído pela isca que um dos homens deita às mãos cheias, o cardume aproxima-se; o grande sino a ré, sacudido por mão nervosa, repica alegremente a chamar o pessoal. Já vários pescadores, debruçados nas «cadeiras», nas mãos firmes os «saltos» bem apertados, esperam impacientes aquele choque brutal que lhes faz vibrar todos os músculos e lhes anuncia a primeira presa.

Os outros, mais calmamente, vão escolhendo o seu aparelho de pesca, hesitando entre um e outro, que daí depende, muitas vezes, o número de peixes apanhados.

— Pega! Pega! P'ras cadeiras, gente! Isca ao mar!
— gritam entusiasmados alguns pescadores.

E então, é uma babel.

pescado do atum

A uma, todos descem nas «cadeiras»; todo o aparelho, fraco ou bom, serve, uma isca viva, bem vivinha é que é precisa, espetada na ponta do grande anzol curvo, sem garra, para mais rapidamente largar dentro do navio o peixe apanhado. O grande sino foi abandonado; o tempo urge, há que aproveitá-lo.

Todos pedem isca para os seus aparelhos.

— Uma «p'rá qui!» Bem viva!

— Bem firme! Aguenta! Ah! que escapaste! — estes e outros gritos se ouvem.

O «engodador» multiplica-se; como preocupação máxima, tem que manter o cardume, «engodá-lo», sempre à espera de mais comida, ao mesmo tempo que vai atendendo os pedidos incessantes de quinze ou vinte homens que não podem nem sabem esperar.

Pescador, vara, anzol, é todo um conjunto que vibra para o mesmo fim: apanhar o atum; este, inconsciente da armadilha preparada, nada



modas

Falemos um pouco da Moda. O Inverno traz-nos o frio e por isso, a moda sugere que usemos casacos de abofo.

Os casacos este ano vêm-se com peles ou «écharpes» envolvendo o pescoço. Tons claros e peles escuras, eis o que nos aconselha a moda.

Tecidos leves, que caiam bem, saias justas e mais compridas.

Usam-se todas as cores alegres, predominando o verde e o vermelho.

Os cabelos vêm-se curtos e pouco frisados. Não se usam já tufados.



curiosidades

- ★ Não deixe de se arranjar antes da chegada do seu marido. Lembre-se que ele gosta de a ver bonita.
- ★ Não faça confidências à sua criada. Não esqueça que ela tem amigas, e não estará sempre em sua casa...
- ★ Para evitar que o verniz das unhas se torne espesso, convém conservá-lo num lugar fresco, de preferência até no frigorífico.
- ★ Para limpar objectos de metal, misture cinza de cigarro com duas colheres de bicarbonato de sódio e um pouco de água até formar uma pasta. Esfregue com a ajuda de um pano.
- ★ Seja optimista e nunca se lamente perante certas pessoas; lembre-se que nem todas compreendem o mal alheio.
- ★ As manchas de perfume deixadas na roupa, desaparecem

esfregando com um pouco de água e amoníaco, lavando depois com água limpa.

- ★ Para afastar as moscas da cozinha, deve borrifar a chapa do fogão ou uma frigideira quente, com vinagre. O cheiro que se espalha afugentará tão aborrecidos insectos.
- ★ As teclas do piano um pouco amarelecidas, retomam o bonito aspecto se as esfregar com um pano embebido em água oxigenada, passando depois com um pano molhado em água limpa.
- ★ A mesa não se deve fumar, principalmente se há ainda pessoas que não acabaram a refeição.

poesia

*Este viver de amargura
Rouba-me toda a esperança
Nesta minha vida escura
Só a saudade me cansa*

*Saudade é ressonância
Duma pessoa querida
Que sinto bem à distância
E me segue toda a vida*

*Saudade é triste lembrança
É triste recordação
Saudade é a dor da ausência
Que trago no coração*

maria dias pereira

dispersos

↑
22
↓

procura no íntimo do adolescente a sua miséria e devassidão. Modela com mestria o seu desejo de vida fácil e ociosa. Desvenda os seus artificialismos. Põe-lhe o corpo e o espírito a nú. Analisa os seus instintos. Rompe-lhe o véu negro com que se envolve, para assim poder sacar dele as causas dos seus desmandos. De quem a culpa? Eis a interrogação que se nos insinua como teia envolvendo uma luminosa clarabóia, em quase todos os seus romances. Da sociedade? Da desigualdade pedagógica que se verifica entre os vários sistemas? Do afã da vida moderna? Da incúria a que os pais votam os filhos? Da guerra?

Várias soluções têm tentado dar os ficcionistas através de influentes obras de alto valor moral e literário, tomando por foco estes desagradavelmente agradáveis — como diria Olavo D'Eça Leal — casos barulhentos da cognominada «geração perdida».

Dentre eles destacamos Alberto Morávia, um dos pretendentes ao Prémio Nobel, apresentando o seu extraordinário romance: Agostinho.

Nele se narram os complexos que certa mãe acometida de tara sexual pode proporcionar num filho ainda sem exuberância da vida. Vulto bem igual ao de Virgínia — viúva, opulenta, corpo atraente — esta mulher cai também na vida crápula com um jovem ansioso por prazer e dinheiro, desprezando quase por completo a educação do seu filho, cujo nome dá o título ao romance.

É neste campo — o abandono materno — que Morávia descobre o vírus que corrói a juventude. A ele liga outra praga: o «vício-sexo». Vício que germina muitas vezes no ambiente familiar e que leva ao «feminismo precoce».

Mas deixemos Alberto Morávia, para finalizarmos este perfil literário de Vasco Pratolini, guião do renascer duma juventude sadio. A sua obra escarpeliza todos os podres que a corrompem: o «donjuanismo», como no caso do Aldo, de «Raparigas de Sanfrediano»; a politiquice de Osvaldo, em «Crónica de Pobres Amantes»...

Como obra de análise social destacamos, no entanto, «Um Rapaz de Florença».

Nela está expresso todo o espírito de luta do povo florentino, que Pratolini tanto ama e espera influencie os seus irmãos de «infortúnio-social», para o renascer forte e sadio de uma maior compreensão entre os homens.

perfil por

manuel pereira gamelas

Olhar sagaz, calvície pouco densa, faces sobre rotundo, nariz direito, lábios grossos, testa reveladora dum espírito concludente, eis, no físico, Vasco Pratolini, bastião da actual literatura italiana.

Natural dessa perene cidade de Botticelli e Giotto — Florença — o romancista Pratolini tem narrado com mãos de artífice toda a magnitude e expressão dessa urbe de pintores. Em todos os seus livros se repercute a grandeza e moldura da cidade e as agonias e joviulidade do seu povo, que, ora emerge desordeiro e prenhe de paixões bravias e pecaminosas, ora, sombrio e inânime, cogita nos seus problemas sociais e políticos.

No entanto, e nisto está a universidade dos seus temas, nela parece encerrar-se toda a Humanidade com os seus subj=ctivismos, aviltamentos, bizarras, crenças, cobardias... Nela se retrata uma sociedade extraviada pela contingência do futuro humano e desigualdade social.

Em plano de proeminência, porém, Pratolini põe o problema crucial da juventude desassossegada. A ela tem dedicado as suas páginas mais expressivas.

Vejamos «Um herói do nosso tempo»:

Dele brota uma Virginia, vítima das inconstantes políticas que têm macerado o género humano, e um Sandrino impudente, vicioso, rebelde! Viúva após o advento do fascismo, Virginia fechou-se num isolamento cruelíssimo, medrosa, fugindo ao convívio, caindo no erro que atormenta a sociedade: a Solidão. Mas a solidão encerra fragmentos de sensualismo. Na sua medula há apetites selvagens. A sombra de voluptuosidades «afrodisíacas» é seu favo.

E Virginia não pôde fugir. Revolta-se e transige.

É neste momento que Pratolini estuda a juventude. Experimenta-a. Simboliza-a na figura de Sandrino. E a prova é terminante: Hipocrisia, libertinagem. É isto que ele extrai do «negativo». Hipocrisia que torna Virginia num ser erotómano. Libertinagem que a lança no amantismo. E sobe explorá-la. Hostilizá-la. Sugar-lhe dinheiro. Fugir-lhe. Assassiná-la!...

Comédia e drama. Retrato da adolescência presente, pintando com tintas vigorosas, Pratolini

Miss Universo

em Aveiro... e nos
Escritórios da E. P. A.

Beleza, elegância e... descontração. Eis Marlene Schmidt, Miss Universo 1961, quando da sua recente estadia nos nossos escritórios, após uma visita turística à Veneza de Portugal.

A presença da sofisticada loira provocou tal onda de entusiasmo, que o trabalho paralizou devido à conversão de todos os colegas em caçadores de autógrafos.

Comentário jocoso de um dos nossos camaradas, «bon vivant de la belle époque»:

— Se eu me apanhasse nos meus 20 anos!!!...

j. c.



Merry Christmas

Buon Natale

恭賀聖誕
正賀新禧

noite de natal

*Nasceu Jesus... E tudo se mudou!
Abriu-se em claridade a escuridão
E a terra num altar se transformou,
Erguendo ao céu a voz duma oração!*

*Nasceu Jesus... E o vento é uma canção,
Em flor a neve branca se tornou,
Há sinos a tocar pela amplidão,
E um perfume de Abril o ar tomou!*

*Nasceu Jesus... E o céu desceu à terra;
Ficaram em suspenso o ódio, a guerra,
E a voz do bem calou a voz do mal!*

*Nasceu Jesus em cada coração
E até o inimigo é como irmão,
No milagre da Noite de Natal!*

maria celeste

ماریا صیوہ ویتربک سیکھیر

Uraalijk Keustmi

